

JORNAL DOS DEBATES

POITICOS E LITERARIOS.

Publica-se nas Quarta Feiras e Sábados. — Subscrive-se nesta Typographia. — O Preço da Assinatura é de 2U000 rs. por Trimestre, pagos adiantados.

Rio de Janeiro. — Typographia de Crémieire, rua do Ouvidor, n. 104.

INTERIOR.

(ARTIGO COMMUNICADO.)

LIBERDADES DAS REPUBLICAS.

O que todo o homem procura entrando para a sociedade é a felicidade, e como esta se não pode alcançar sem fazer cada membro da associação algum sacrifício de sua liberdade, é claro, que todo o governo apesar de ser um mal de sua natureza, pois que oppõe restrições à liberdade, torna-se todavia um bem em comparação de um mal maior, a nenhuma segurança da liberdade, quando é completa. Desde então não é a melhor forma de governo aquela, que deixa uma ampla liberdade a cada um, porém com mil riscos, pois é isto contrário às intenções da associação; mas é sim aquela, que conserva a maior porção de liberdade, que possível e compatível é com o máximo de segurança. Liberdade excessiva produz a licença; muito restrita dá caminho ao despotismo; em ambos os casos se não gosa da felicidade social; o problema pois a resver-se em matéria de liberdade consiste em marcar a quantidade que seja extrema dos fúros da demagogia, e da tirania dos que governão, isto é, reunir o maior grau de liberdade no maior da segurança. Os povos antigos, que mais nome deixáram na história, não conheciam essa liberdade individual, que faz as delícias e a felicidade dos povos modernos. Sua existência era um sacrifício contínuo da liberdade individual à causa pública.

O espírito recorda com admiração essas belas instituições, onde cada homem se julgava livre, por isso que concordava a governar os outros; mas elas eram limitadas por tantas condições, compridas á costa de tantos esforços, e mesmo de tantas injustiças, que a admiração nos preservará do exemplo. Uma educação notável por suas singularidades tornava o cidadão no berço para lhe imprimir os sentimentos e as opiniões de toda a sua vida; preparando os antigos para a independência política, lhes impunha uma forte sujeição pessoal, e substituia o rigor dos costumes ao da autoridade. Daí nasceu

essa virtude que Montesquieu reservava exclusivamente para as repúblicas, e que ele chamava *o amor da igualdade*: virtude pouco durável, e que se não pode desenvolver, senão existe nas raízes dos costumes, que não pode animar o estado, se não saí de cada família; e que formada de dous eleições quasi inconciliáveis se destroem rapidamente, e é ordinariamente substituída ou pelo furor da igualdade democrática, ou pelo multiplicado despotismo da aristocracia, ou pelo despotismo simples e terrível de um chefe militar.

Assim fazião os antigos consistir toda a liberdade em concentrar-se os poderes na multidão, e em decidir-se tumultuarialmente os negócios do estado no *forum*, e nas praças públicas, embora cada cidadão como particular fosse reprimido em todos os seus movimentos, e inteiramente escravo em suas relações privadas. *Vós não achareis nos antigos* (Diz B. Constant) *alguns dos gosos, que farem parte da liberdade nos modernos. Todas as ações privadas são submettidas a uma vigiliância severa. Nada era concedido à independencia individual, nem opiniões, nem industrias, nem religião.* O fim dos modernos é pois inteiramente oposto ao seu; elle consiste na segurança dos gosos privados; e farem consistir a liberdade nas garantias concedidas pelas instituições a esses gosos. Desconhecendo inteiramente os princípios da liberdade civil, e essas admiráveis criações da philosophia moderna, que ao mesmo tempo que impõe silêncio ás ambições, ampara os povos contra o despotismo, os antigos sempre açoitados pelas tempestades de uma desenfreada demagogia, e pela guerra civil, nunca conseguiram essa liberdade, companheira das prosperidades das nações, por aquai havião derramado tanto sangue, e feitas tantos sacrifícios. Muitos filósofos contemporâneos, testemunhas de tantos delírios, e de tantos crimes, invocarão contra elles a terrível proteção do poder absoluto. *Platô*, que se tinha lisonjeado longo tempo do projecto de uma república perfeita, por fim só desejava para a espécie humana *um bom tyrano ajudado de um bom legislador*. Que injuria para o gênero humano, que um igual voto podesse sahir de uma alma virtuosa, em presença de *Sparta*, á vista das costas da *Persia*!

Com uma monarquia constitucional bem organizada consegue-se essa liberdade, que não alcangará os povos antigos; só por meio della se pode unir a liberdade com a segurança e tranquillo goso dos direitos individuais. Assim tambem é ella a única forma de governo appetecida por todos os bons espíritos. Imaginações ardentes anhelão boja pela república a despeito das lições da experiência. *Só o governo republicano convém aos Americanos*, apregoa certas gentes desvairadas por erradas teorias; e quando se lhes pede a demonstração desta proposição, só apontão o lisongeiro quadro das prosperidades, que mostrão os republicanos da América Septentrional. Porém elles não vêm, que essas prosperidades dependem menos da forma do governo, do que dos admiráveis costumes, que maior valor tem, que as mais perfeitas instituições, dessas virtudes patrióticas, desse espírito público tão desenvolvido entre elles, das leis civis, e de uma sabia administração; circunstâncias estas, que os farão prosperar do mesmo modo, qualquer que fossem as formas do seu governo; ainda assim os mais profundos pensadores desconfiam ao longe uma monarquia na América do Norte, quando a mão do tempo lhe tiver destruído as virtudes republicanas. Além disso porque fatalmente se olha sómente para os Americanos do Norte, e nunca para os nossos vizinhos, que há mais de vinte annos, se vêm a braços com todos os flagelos da anarchia?

A. T.

DISCURSO NECROLOGICO.

O Sr. Octaviano Maria da Roza, membro titular em nome da secção de cirurgia:

Senhores, nunca as lagrimas de um povo sensível e agradecido tiverão um motivo tão justo para serem derramadas! Nunca as profundas sensações de dor forão tão agudamente sentidas! Os ais, as bengues, as preces, nunca, senhores, forão dirigidas ao Eterno com mais fervor, e candura da alma, como durante a rapida molestia que nos arrebatou para sempre o prestante cidadão, cujos restos mortais existem como vêdes, dentro desse ataúde.

Mergulhado como vós em profunda tristeza, minhas faculdades intellectuaes quasi

em desarranjo; o coração opprimido, que cumprir um dever, resguardando a vida do homem extraordinario, cuja morte deploramos.

O Rio de Janeiro, o Brasil e a humanaidade acabão de perder o primeiro homem virtuoso e beneficente; a medicina, seu centro, seu bom ministro; o orfão, seu pai; o indigente e desvalido, seu protector; a viúva, seu amparo; o filho o modelo de ternura, de respeito e de reconhecimento; o amigo, o esposo... Ah! basta, senhores, vós conhecíeis João Alvares Carneiro*, e este nome é o symbolo de tudo quanto é nobre, pio e magnanimo.

Que contraste, senhores, entre as honras fúnebres tributadas por ostentação e mero apparato ás ciasas dos conquistadores, e dos regulos do mundo, e as que se rendem ás do homem bom e justo. Naquellas, tudo é vã, tudo é exterioridade. A's veses o coração pragueja o morto, e individuos tão degenerados, ou encanecidos no crime que até chegão a descerjar a morte daquelle que apparentemente pranteio. Nas do homem bom e justo, tudo provém dos impulsos do coração, este é que faz verter a lagrima da saudade, - do agradecimento que cada um vêm depositar sobre o tumulo de seu benfeitor; então, senhores, o dô de que nos cubrimos, não serve apenas para satisfazer os usos estabelecidos na sociedade, mas sim é a sincera e verdadeira expressão dos sentimentos de nossa alma. E qual de vós, senhores, não está penetrado da verdade do que acabo de enunciar? Vireis acaso por mero fórmulario flagir magôas e soluções por um mal que não sentis? Vireis vos ao templo do Deos vivo, quacs avidos herdeiros que, só tendo em mira o espolio, bem disser a pessoa do testador, tecer imeritos e interesseiros elogios? Ali! não, senhores, todos fazem justiça á amizade de que é credora a virtude. Vossas physionomias estão abatidas, as lagrimas em chorro inundão vossas faces. Vós procurais alguma causa que vos falta. Vós pareceis interrogar as paredes do sanctuário. Seu silencio é um sinistro presagio; mudas, elles estão cobertas de luto. Volveis os olhos para os ministros da religião; mercenários, elles invocão a benevolencia do Altissimo, e lle encommendão a alma do justo. A quem buscas? Ao cirurgião caritativo, que curava vossos males, que vos dava conselhos, que repartia o seu pão com os pobres, que lhés cubria a nudez, que, doando as donsellas, lhes promovia os consorcios, que amparava aos mogos que se destinavão á arte de curar, e que proporcionava meios de subsistência, e ministrava patrimonio a muitos que se dedicavão ao estado eclesiastico? E a este que procurais? A terra não era suficiente para conter em si, por mais tempo, tantas maravilhas reunidas; estas vol-

verão á habitação donde havião baixado, o céo as guarda.

A vida clínica de João Alvares Carneiro, é o mais bello florão da aréola de sua gloria. Por quarenta annos exerceo o penoso dever de tratar doentes; o hospital da Misericordia desta corte foi onde se iniciou na scienzia que um dia havia de cultivar com tanto brilho; em Lisboa fez o seu curso de estudos regulares; voltando á patria, aqui se embarcou para a Ásia em um navio mercante; regressando logo quæ suas circunstancias permitirão, fixou-se para sempre nesta cidade, onde vio a luz do dia, e que foi o teatro de sua celebridade. De mui cedo, na qualidade de cirurgião do banco da Misericordia, desenvolveo o grande talento observador que possuia em grao eminent. Familiarizou-se na præcia das grandes operações era quæ foi habil e distineto. O tacto deste homem admiravel e sua perspicacia na difícil arte de pronosticar, era tão geralmente reconhecido que a corporação medica do paiz o consultava, com proveito, nos casos de clinica, graves, ou controvertidos.

Mas, senhores, o que parecerá incrivel, mas que, ouso afirmar sem temor de ser desmentido, é que no longo período de sua vida clínica, no meio das paixões, dos interesses crusados, de plureneticos partidos fomentados pela denominada politica, nunca João Alvares foi malquisto, nem teve occasião de ser offendido, ou queixar-se de alguém. O ouro, a vil ambição do ouro, nunca o fez preterir o que elle devia á honra e á scienzia. Sem adulgar ao poder, jamais lisonjeou as paixões do povo, e nem um, nem outro, tiveram de exprobar-lhe suas aggressões. No momento em que infelizmente nosso paiz estava pejado de infiustas dissensões, no momento em que cada partido arvorava seu estandarte, e procurava repellir seu adversario, João Alvares obteve constantemente de seus compatriotas, quasi unanimidade dos suffragios para eleitor, e se não aparece no seio da representação nacional como deputado, foi devido ás modestas rogativas que muitas veses dirigio a seus amigos, dissuadindo-os de semelhante proposito.

Appareça hoje um homem que faça abnegação de um encargo tão appetecido! Mas é que João Alvares não precisava luz e ornato estranho para brilhar. Como membro titular da academia imperial de medicina do Rio de Janeiro, e antes da sociedade de medicina, da qual foi igualmente fundador, João Alvares nunca denunciou o alto aprego que de seus conhecimentos professionaes, virtude e probidade tinha os collegas; foi elevado a presidente daquella sociedade em uma de suas eleições trimestraes, foi membro de muitas commissões, e efectivo da de consultas gratuitas dadas na casa da sociedade, em cujo exercicio sempre se portou

com a mesma caridate e zelo com que diariamente o fazia na sua. Ainda hontem na academia occupava na sessão de cirurgia o logar de presidente, e hoje, dentro do tumulo, e preste a ser coberto pela leusa, o seu cadáver só nos revela o nada que sómos! Quanto é rapida e transitória nossa existencia! A vida é um perfeito meteoro! Só a pratica das acções virtuosas, é que sobrevive zombando do tempo, para ser transmitida á posteridade.

A academia imperial de medicina do Rio de Janeiro perdeu o seu homem, perdeu o seu heroe: o vazio que deixa nella, e nesta capital nunca se encherá. O pranto de uma corporação inteira, e de uma cidade populosa e illustrada jámals se verte por objectos communs e vulgares. Este triumpho está só reservado para os individuos quæ bem sabem comprehender qual é sua missão neste mundo; João Alvares a preencheu; as nénias lhe são devidas. Oxalá todos podessem satisfazer-a, principalmente os homens que cultivão a medicina.

Lancemos flores sobre a campa do bom cidadão, digamos-lhe um saudoso adeus, e a terra lhe seja leve.

(ARTIGOS COMMUNICADOS.)

ESTUDO PRELIMINAR DE LINGUA FRANCESA PELO MÉTODO DÉ P. PICOT.

Si alguma cousa ha, que influa immediata e directamente sobre o progresso da civilisação, é sem duvida alguma o conhecimento das linguas estrangeiras: apóis uma descoberta, uma invenção, um metodo novo de ameliorações apparece em um paiz, imediatamente seo écho é repercutido nas outras nações; e d'esta maneira ligando-se todas, ha uma especie de fraternidade, e unidade de vistos nos trabalhos científicos e industriaes, que encetam. E é tão palpitable esta verdade, que diferentes homens de genio tentaram por veses reviver una antiga utopia, que bastantes séculos tem atravessado, uma utopia, que, a primeira vista d'olhos, allucina, lisonjea, e faz que se acrede na possibilidade da sua existencia, e vêm a ser o sistema de organisação de uma lingua sólamente dedicada ás sciencias, e ás letras, e que tambem fosse unicamente pelos sabios manejada. E tal foi o entusiasmo de alguns por essa descoberta, que durante a media idade, e mesmo nos modernos tempos, muitos d'entre elles escreveram na lingua latina.

Felizmente, no nosso seculo, o contacto, e o interesse de união que progredem entre os diferentes povos, que cobrem a superficie da terra, avangaram por tal maneira o estudo das diversas e principaes linguas das nações civilisadas, que hoje pouca gente ha

ahi, que não saiba o francez, o inglez, e o italiano, e facilitando dest'arte o conhecimento e a noticia do que fazem os estrangeiros, a intelligencia humana se alarga, e se expande.

Trinta annos de sua vida empregou o Sr. P. Picot na formação de um sistema, que tendesse a facilitar, ainda mais o estudo da língua francesa no Brasil. Conseguio no fim de longos e aturados trabalhos melhorar o methodo de ensino, adoptando e modificando as ideias, que seguiria Jacotot em Paris, e que Robertson aperfeiçoara.

Este novo methodo consiste em diferentes operações, que como as da arithmetica, se ligam entre si, e formam um todo compacto, e facil. Tem elles todas por fim a subita comprehensão dos sons, e de suas significações, de tal modo, que a pessoa, que por este methodo se deixar guiar no estudo de uma língua, em muito menos tempo, e com menor trabalho consegue entendê-a, e tradusí-la. Além d'isto, como a sua base é a memoria, mais adoptado é elle para meninos, que repetem as palavras e suas significações, sem dar-se no principio a arida e fastidiosa tarefa do raciocínio grammatical. Depois de bem entenderem, o que em poucos meses se consegue, então serão obrigados a reflectir, e a combinar as leis e regras da grammatica, applicando-as ao objecto.

O antigo methodo entregava à um menino a grammatica, para por ella encetar o estudo das línguas estrangeiras, e meses inteiros passavam-se, sem que elle pudesse entender uma palavra da língua, a que queria aplicar-se, havendo sómente decorrido algumas phrases da grammatica, que de nada lhe serviam; e assim gastavam annos no estudo de uma materia, que só tres ou quatro meses deveriam despender.

E um serviço, que devemos á experien- cia do Sr. P. Picot, o ter tão habilmente applicado as ideias de Jacotot e de Robertson e as suas proprias, adquiridas pelos longos annos, em que regeu a cadeira de professor, esforçando-se, e conseguindo em parte destruir a velha rutina do ensino, que alienava o espírito da mocidade do estudo das línguas.

Sí alguma censura temos á dirigir ao Sr. P. Picot, é a de não ter, a mais tempo, dado a luz um resumo, sobre o seu methodo que seria sem dúvida um trabalho util, e digno de encomios. Sómente n'este anno elle publicou um pequeno folheto aplicado ao estudo da língua francesa, mas muito resumido, e contendo uma só das operações do vasto plano que elle havia concebido. Desejariamos que o Sr. Picot filho, em poder de quem, nos consta, existem mais trabalhos sobre o mesmo objecto do Sr. P. Picot, os quais devem completar a obra,

os desse a luz, e o público, de todo o coração lhe agradecerá.

Este folheto intitulado — Estudo preliminar da língua francesa — é um excellente compêndio para as pessoas, que principiam o estudo d'aquela tão interessante e útil língua, e por tanto deveriam os nossos colégios adoptal-o, e observariam, estamos intimamente convencido, o quanto ganhariam os meninos, apprendendo por elle, tanto pela facilidade da comprehensão, como pelo accento, que brevemente adquereriam.

P. S.

O QUE SE DEVE ENTENDER POR MAIORIA NO GOVERNO REPRESENTATIVO.

Tem-se muitas véses dito que o governo representativo é o governo da maioria; ha alguma verdade nisto; mas não deve-se crer que seja o governo da maioria no sentido da maioria do numero. O principio da maioria do numero comprehende todos os individuos por isso só que existem sem nada mais exigir delles. Apresenta a maioria destes individuos, e diz: — *Eis a razão, eis a lei.* — O governo representativo procede de uma maneira diferente. Elle considera, qual é o acto, a que vai chamar os individuos: examina qual é a capacidade necessaria para este acto; chama depois os individuos, que são presumidos possuir essa capacidade. Procura a maioria entre os capazes, e é assim que se tem quasi sempre procedido em todas as partes, mesmo quando cuidava-se obrar em virtude da maioria numerica. Quasi nunca se lhe tem sido fiel; tem-se sempre exigido para os actos politicos, certas condições, isto é, os sinais de uma certa capacidade. O governo representativo não é pois o da maioria numerica pura e simples; é sim o da maioria dos capazes. Ora presume a capacidade de antemão, ora exige que ella se prove, e se faça reconhecer anteriormente. Mas não é ainda tudo: o governo representativo não se contenta com o exigir a capacidade antes de conferir o poder: logo que foi presumida ou demonstrada, elle a coloca em uma especie de suspeita legal, e lhe impõe a necessidade de se legitimar incessantemente para conservar o poder. Segundo o principio contrario, o direito reside na maioria; então a verdadeira influencia reside no lugar, onde se manifesta esta força. Dahi decorre quasi necessariamente a opressão da minoria. O governo representativo não esquecendo

nunca, que a razão, a verdade, e por tanto o direito, não residem plena e constantemente sobre a terra, as presume na maioria, mas não lha atribue com certesa e duração. No proprio momento em que presume, que a maioria tem razão, proclama que pode errar, e com todo o disvello procura assegurar á minoria, que é ella quem tem razão, e tornal-a maioria pela sua vez. As precauções eleitoraes, os debates das camaras, sua publicidade, a liberdade da imprensa, a responsabilidade dos ministros, todas estas combinações tem por a se dissolver. Essa maioria é pois só objecto o obrigar a maioria a se legitimar de contínuo para conservar-se, e pôr a minoria em estado de lhe contestar seo poder, e seo direito. Assim, em resumo, o governo representativo considera os individuos, a quem chama, e a maioria que procura debaixo de um ponto de vista diferente daquelle da maioria do numero. Esta admite que a soberania de direito reside em alguma parte sobre a terra, e a coloca na maioria puramente numerica; o governo representativo a procura na maioria dos capazes. Esta a atribue ao numero plena e inteira; aquelle limita-se a uma presumpção. A maioria do numero vê o poder legitimo na multidão; o governo representativo só a vê na unidade, isto é, na razão, á que todos se devem submeter. A maioria numerica faz vir o poder debaixo. O governo representativo reconhece que todo o poder vem de cima, e obriga ao mesmo tempo a todos, que se achão delle investidos, a provar a legitimidade de sua pretenção aos homens, que são capazes de a sentir. Uma tende a umilhar as superioridades, e outra a elevar as inferioridades fazendo umas se comunicar com outras.

A maioria numerica é ao mesmo tempo cheia de orgulho e de inveja. O governo representativo rende homenagem á dignidade de nossa natureza, sem desconhecer sua fraquesa, e reconhece a fraquesa sem insultar a dignidade. O principio daquelle maioria é contrario a todos os factos, que se referem á origem real do poder e á marcha das sociedades; o governo representativo não choca nem esquece algum destes factos. Emfim uma apênas proclamada, é obrigada a abdicar e reconhecer-se impraticável; o outro marcha de progressos em progressos, e não pode existir sem se desenvolver; longe pois que o governo representativo derive do principio da

maioria do numero, repelle este principio, e funda-se sobre um principio de diferente natureza, e que tem outras consequencias. Pouco importa que tenha sido muitas vezes revindicado em nome da maioria numerica; e ate que suas principaes crises de desenvolvimento tñão tido lugar no momento, em que dominava esta ideia; as razões deste facto são facias de descobrir. E' ella uma grande força que invertem para quebrar a desigualdade injusta e excessiva, ou o poder absoluto, assim como o despótismo intervém em nome da ordem, para unir violentamente a sociedade pronta um meio de ataque e de destruição, e nunca um meio de fundar a sociedade.

THEATRO DA PRAIA DE D. MANOEL. — UMA MULHER NO CADAFALSO.

Triste posição é sem dúvida a do critico jornalista; ver-se elle forçado a ver e a ouvir cousas que o não interessam, e que mesmo elle pagaria para nunca velas, e ouvillas.

Taes foram as reflexões que fisemos, assistindo á representação do drama intitulado — *Uma mulher no cadafalso*. — Com razão ouvimos a nosso lado um espectador chamar a esta composição — *peça dos desmaios*. O enredo é tirado de uma novella francesa; uma mulher inocente é perseguida pelo atheo crime de uma morte que seu pai fizera: o perdão Real veio a propósito salvar a vida da infeliz, e involver o drama em episódios românticos. A par dos aplausos, pessoas sisudas riem-se de tantas incoerências amontoadas. A representação foi como sempre, canta, e desagradável; que artistas! Não falemos dos scenários, nem dos costumes; são cousas que o Theatro da praia de D. Manoel não conhece, e em que não segue o exemplo do Theatro Fluminense, talvez por falta de meios. Esperamos que com as loterias concedidas façam aquelas artistas, o que ainda até hoje não fizeram. O Sr. Barros fez o descobrimento artístico de matar-se pelo ventre! Que efeito maravilhoso ver um esguicho de sangue correr-lhe do ventre! Ora isto é que é entender da arte dramatica! Nunca as mãos lhe doam, que tão boas cousas farem.

M.

EXTERIOR.

AUSTRIA.

A Austria é o paiz da Europa que mais tem a queixar-se dos juízos estreitos e injustos lançados a seu respeito pelas nações estrangeiras. Os partidos progressivos de França, ou de Inglaterra encaram a Austria como uma potencia cega e ignorante, desfigurada a retardar os progressos da civiliza-

sção, a esmagar seus subditos sob o peso do despótismo o mais intolerável, e a manter-se a custa do embrutecimento moral e intelectual, em que vegetam. Mas estes conceitos estão longe de ser exactos, elles não resumem todas as faces da realidade; este quadro desolador acha-se de todo fora da verdade das cousas. Nada assemelha-se menos a um escravo do que o burguez de Vienna, ou o camponez da Styria e do Tyrol. Gosando das venturas, que pode procurar uma administração económica e esclarecida, vendo suas cidades e campos engradecer e florecer de dia em dia sob a influencia bemfazeja do governo, que não contente com o procurar ao pobre e ao proletario um assento no banquete social, ainda os inicia largamente em todos os benefícios da educação moral e intelectual, o Austriaco pode apenas comprehender o espírito revolucionario, que desde quarenta annos trabalha as nações da Europa. Em sua maneira de ver, a harmonia de todas as relações sociais, ou individuais, é o fim o mais elevado da civilização; elle não consegue outro mal senão a desordem, e as revoluções se lhe afiguram como factos monstruosos, que denotam uma civilização atrasada.

Este instinto de harmonia, este espírito pacífico d'Austria reproduz-se solemnemente na política do seu governo. Foi n'este paiz que nasceu a sciencia da diplomacia, e a maior parte das suas conquistas se tem operado sem effusão de sangue, como para não desmentir a verdade do ditado:

Bella gerant alii: tu, felix Austria, nube
Nam que Mars alii, dat ibi regna Venus.

Convencido da sua impotencia, em mancar o sceptro da Alemanha, que escapava-lhe cada vez mais desde a invasão do protestantismo, a Austria retrocedeu desde duzentos para as populações guerreiras e pouco esclarecidas, que formam a sua fronteira meridional. E' rai esta a politica a mais prudente e razoável, porque para a Hungria, Illyria, a Croacia, a Austria é um verdadeiro centro da civilização. Hoje em dia todas essas províncias tão diversas voltam as vistas para Vienna, que d'esta arte tornou-se o foco das lutas que se derramam sobre uma parte da Europa.

A politica interior do gabinete de Vienna é digna de elogios, mormente pelo que diz respeito ás suas províncias Austríacas. Immensos progressos ali se operam, mas com regularidade e lentidão, e sem a forma convulsiva das revoluções. Poucos governos tem feito tantos esforços para abaixar a influencia real da aristocracia, conservando-lhe ao mesmo tempo uma certa importância nominal.

A politica exterior da Austria constitue o principal motivo dos odios, que se lhe vota

no mundo político. O gabinete de Vienna commettedo constantemente o erro grave de julgar de todos os povos segundo o modelo d'aquele cujos destinos dirigia, sem calcular sobre as diferenças que existem entre as individualidades nacionais. O carácter d'este povo, seus antecedentes históricos, sua posição geográfica, e necessidade de manter suas diferentes partes em um estado de cohesão, exigiam, que elle fosse preservado das doutrinas dissolventes, que haviam minado em outras nações os alicerces da antiga ordem social. Demais disso, tolhendo a estas ideias o acesso d'Austria, Metternich, em quem se personifica a diplomacia Austríaca, não fasia violencia ao genio nacional lançado em uma direcção opposta. O erro d'este homem d'estado consistiu em acreditar elle que suas medidas teriam para todos os povos o mesmo valor, e que a mobilidade Francesa, a profundesa Germanica, o genio artístico do povo Italiano, se resignariam com a mesma docilidade a este bloqueio das ideias, que apenas poderia ter successo, quando aplicado a uma população tranquilla, cheia de confiança em seus chefes, e dirigida para uma outra ordem de ideias, e de sympathias. A resurreição dos principios progressivos na França, e mesmo na Alemanha meridional prováculo ao gabinete de Metternich, que o seu sistema do *status quo* só tinha um valor transitório. Todavia a politica de Metternich não tentou entrar em luta com a providencia, não hostilisou as potencias liberas apesar da propaganda revolucionária, e continua a mostra-se fiel ás tradições da sua prudencia. Essas tradições consistem em inclinar a politica á força das circunstâncias preponderantes, em observar a marcha dos acontecimentos, mas sem entrar na luta para modificá-los, etim em aceitar os factos consumados.

Sob o ponto de vista intelectual, a Austria apresenta um aspecto singular. Ainda que os escritos dos filósofos do século XVIII, e os das novas escolas Prussianas sejam ali conhecidos, e apreciados, estes dous grandes movimentos intelectuais não exerceram com tudo influencia alguma sobre a cultura intelectual da Austria. Não se depõe em seus escritos nem o antigo scepticismo da França, nem o racionalismo transcendente da Prussia. A literatura Austríaca oferece o mesmo carácter; ella apresenta uma elegância, uma harmonia, que ilumina muitas vezes aos bardos da Alemanha; entretanto porém procura-se em vão a profundesa, dos sentimentos, e das inspirações que tanto distinguem os bardos do norte.